



**Aprendendo a ensinar: um estudo de caso sobre voluntariado de
bacharelados na simbiose entre dois projetos de extensão de universidade
pública**

Comunicação

Bárbara Bianca Carvalho Soares
Universidade Federal de Minas Gerais
soares.bbc@gmail.com

Igor Jouk
Universidade do Estado do Amazonas
ijouk@uea.edu.br

Resumo: Esta pesquisa possui como tema o desenvolvimento de competências pedagógicas na formação de um professor de violino que não esteja cursando licenciatura em violino, discutindo-o através de um estudo de caso sobre os impactos das vivências dos discentes participantes do Laboratório de Ensino e Aprendizagem Musical e suas transferências enquanto professores voluntários no Projeto Musicando, ambos projetos da Universidade do Estado do Amazonas, sendo o primeiro um projeto de produtividade na modalidade de projeto de extensão em que os bacharelados participam observando instruções dos docentes e tocando juntamente com os alunos da comunidade nos recitais, e o segundo um projeto de extensão universitária em que os bacharelados atuam como professores de alunos da comunidade. O objetivo desta pesquisa em andamento é descrever de que forma os bacharelados praticam (ensinam) aquilo que observaram (aprenderam) para posteriormente analisar e compreender os impactos diretos deste tipo de ação na formação destes futuros professores que não fizeram licenciatura. A metodologia adotada busca primeiramente conhecer a diferença entre as naturezas e ementas dos projetos, observar e discorrer sobre as ações pedagógicas realizadas durante as aulas, considerar os relatos dos bacharelados sobre seus desafios e soluções, para então apontar possíveis pontos em comum em que houveram transferências para a construção de habilidades relevantes para a formação do músico-professor.

Palavras-chave: Projeto de extensão universitária, Musicando, Laboratório de Ensino e Aprendizagem Musical



Introdução

As fontes primárias desta pesquisa surgem da observação do voluntariado dos bacharelados dentro de um fenômeno de simbiose entre dois projetos, sendo, o primeiro, um projeto de produtividade acadêmica em modalidade de projeto de extensão nomeado Laboratório de Ensino e Aprendizagem Musical e, o segundo, um projeto de extensão universitária nomeado Musicando. O interesse em trazer esta pesquisa se dá pela necessidade de compreender os efeitos diretos dos impactos das vivências dos bacharelados participantes do Laboratório de Ensino e Aprendizagem Musical e suas possíveis transferências, percepção de desafios e soluções, enquanto professores voluntários no Projeto Musicando, ambos projetos da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

“Aprendendo a ensinar”, o título desta pesquisa justifica-se no contexto da importância da pesquisa sobre a formação do professor de música, ainda que os voluntários não sejam alunos de licenciatura. Considerando a disseminação de estudos sobre as fases iniciais das pesquisas educacionais nos Estados Unidos (não apenas de música), amplamente disseminados no Brasil, segundo Araújo (2006, p. 141) que destacavam os métodos, os processos de aprendizagem, a técnica, o produto, ao passo que invisibilizava a figura do docente em si; considerando a ocorrência de uma transição de cenário, onde observou-se uma maior preocupação com a valorização do foco no ofício do professor (cenário este emergido principalmente a partir da década de 1980) e que esta atitude foi responsável por um redirecionamento do olhar apresentando resultados ótimos no desenvolvimento do sistema educacional por meios da formação (ARAÚJO, 2006, p. 141-142), podemos inferir que nos voltarmos para a figura do músico-professor, neste caso, em formação pode nos levar a caminhos sobre o impacto das influências entre professores e alunos, entre uma observação e uma vivência.

Tardif (2002, p. 11) define que o saber dos professores é o saber deles incluindo experiências de vida e história profissional, além das relações com os alunos e outros atores escolares, e aqui podemos colocar os voluntários, objetos desta pesquisa, em evidência: O que e o quanto de impacto a participação como aluno e observador em um projeto agregou



na sua história profissional e nas suas relações de forma a influenciar na sua própria atuação como professor em outro projeto semelhante e simultâneo?

Neste caso, nos deparamos com os ambientes da prática extensionista em uma universidade estadual multicampus. O papel da extensão, segundo Pietrosvski *et al* (2018, p. 2), é fazer com que interajam universidade e sociedade como forma de democratizar o acesso à pesquisa e ao ensino, indo além do cumprimento da lei na sua realização, de forma a desvincular-se de ser apenas mais um mecanismo de assistencialismo, para transformar-se em um elo poderoso entre universidade e sociedade. Síveres (2008, p.9), da mesma forma, enxerga que a extensão não é somente política institucional, projeto acadêmico ou prática social, mas eleva a própria extensão categorizando-a como processo de aprendizagem. Utilizando-se da máxima de Assman (2004, p.32) “Educar é fazer vivências do processo de conhecimento”, Síveres (2008, p.10, p.12) descreve que é na extensão que a universidade tem potencial para desenvolver-se articulando tanto a diretriz científica, quanto na sua vocação educativa, apontando para a construção do que é inovador.

Uma vez entendido acerca do nosso objeto e seu ambiente, podemos resumir o objetivo desta pesquisa em andamento em descrever de que forma os voluntários praticam (ensinam) aquilo que observaram (aprenderam), para posteriormente analisar e compreender os impactos diretos deste tipo de ação na formação destes futuros professores.

A metodologia adotada busca primeiramente conhecer a diferença entre as naturezas, ementas e andamentos dos projetos, observar e discorrer sobre as ações pedagógicas utilizadas durante as aulas, considerar os relatos dos bacharelados sobre seus desafios e soluções, para então apontar possíveis pontos em comum em que houveram transferências pedagógicas para a construção de habilidades relevantes para a formação do músico-professor.

Laboratório de Ensino e Aprendizagem Musical - LEAM

Vários docentes da UEA desenvolvem projetos de produtividade em modalidade de projeto de extensão nomeados Laboratório de Ensino e Aprendizagem Musical (LEAM), com atuação ininterrupta desde janeiro de 2020 e encerramento previsto para dezembro de



2022. Mas para este estudo de caso, consideramos apenas aquele coordenado pelo professor Igor Jouk, que se dedica ao violino. Os objetivos gerais destes projetos são de ministrar aulas para alunos de comunidade externa matriculados nos instrumentos, bem como realizar apresentações dentro e fora da Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT-UEA) como forma de despertar o interesse dos alunos para a futura candidatura nos vestibulares visando ao ingresso no Curso de Música. Os alunos têm a oportunidade de experimentar a mesma rotina pedagógica vivenciada pelos alunos de graduação, tais como: aulas individuais de instrumento, aulas em grupo, avaliações e apresentações musicais.

Além das aulas para os alunos externos abordando aspectos inerentes a aprendizagem do violino, estão também entre os objetivos específicos: a orientação dos voluntários quanto (1) à pedagogia do instrumento, técnica e repertório, (2) à promoção de atividades culturais de arte-educação, e (3) às estratégias de ensino. Durante a execução do projeto, há o envolvimento direto dos discentes voluntários, docentes voluntários, alunos externos, e pais dos alunos externos em todas as etapas e atividades, desde a preferência pelo formato (presencial ou online) como o tipo da atividade (aulas, *masterclasses*, ensaios em grupos de câmara e recitais).

A relevância maior que recai sobre o LEAM, para além de arregimentar um grupo de alunos que se apresente regularmente e que obtenham um resultado ótimo na Prova Prática para o ingresso no Curso de Música, está no acompanhamento do desenvolvimento de prioridades dos discentes monitores e voluntários envolvidos neste processo de “aprender a ensinar”.

O projeto obteve um total de 15 inscritos, e após avaliação levando em consideração a curadoria dos docentes e dos monitores (que considerava apenas ter o instrumento em casa), foram aprovados 10 alunos. O perfil dos 10 alunos selecionados era heterogêneo e incluía: alunos que sabiam mudar de posição no violino (técnica em que se move a mão inteira pela extensão do braço do violino), alunos que não sabiam do que mudança de posição se tratava, alunos de escolas particulares, alunos de escolas públicas, alunos de escolas militares, alunos com professor, alunos sem professor, alunos com postura tradicional, alunos sem referência em termos de postura básica do violino, mas, todos estes tinham em comum familiares engajados, fluência na leitura, rigor rítmico e afinação boa.



Devido a origem dos alunos 10 selecionados ser de diferentes professores, a primeira ideia foi de unificar a técnica básica de todos os alunos de violino, priorizando primeiramente golpes de arco e postura, e após, técnicas de mudança de posição e interpretação. No quesito golpes de arco, buscou-se primeiro desenvolver o *detaché* em todas as partes do arco (talão, meio e ponta), visto que havia uma notória preferência de todos os alunos pelo uso do meio ou ponta do arco em todas as situações. Trabalhou-se ainda a elaboração fina no movimento da troca de direção do arco, que foi outro detalhe que ajudou os alunos a perceberem sua execução nas conexões entre as notas. Após esta primeira fase, o professor focou-se no desenvolvimento do *martelé* com arco inteiro e meio arco, na execução de ritmos pontuados, *spiccato*, *sautillé* e variações dos mesmos golpes, pois compreendeu que assim, independentemente da disparidade do nível de cada aluno, a Orquestra de Violinos soaria unificada.

Outro fator importante foi o trabalho de aprimoramento sonoro de afinação e de ritmo como grupo. Na necessidade de criar um critério para cada aspecto trabalhado, os exemplos dos bacharelados e suas tentativas de explicar e mostrar como se faz alguma coisa, se mostraram uma interação eficaz. Esta prática mostrou resultados significativos no som do grupo e no interesse pela rotina universitária.

Usar como material didático inicial peças curtas cujas melodias são reconhecidas, foi outra estratégia utilizada pelo coordenador para o aluno ter a oportunidade de se identificar com a música e ter vontade de tocá-la, sejam nas apresentações, nos corredores, nas suas escolas, nas festas familiares. Segundo o coordenador, o aluno cria uma espécie de empatia com a música, que facilita a compreensão ou criação de um relevo dinâmico para cada obra, elevando assim a expressividade do aluno ao máximo.

Devido ao *lockdown* na cidade de Manaus em meados de 2020, algumas adaptações foram necessárias na realização dos ensaios e aulas que foram realizadas de maneira virtual num primeiro momento, trazendo a tecnologia como recurso de metodologia essencial. Neste momento, o conhecimento tecnológico dos voluntários foi importante para a coordenação de atividades.

O professor coordenador também organizou *masterclass* abertas e online para o LEAM e outros alunos que estivessem interessados. Nestas *masterclasses*, o clima virtual foi



descontraído, o professor contou muitas histórias lúdicas e engraçadas tanto para atingir o objetivo técnico em questão, quando para prender a atenção, conseguindo várias risadas dos alunos. O professor Igor relata que esta, foi a estratégia para criar um vínculo entre o grupo para evitar o desinteresse dos adolescentes e jovens, principalmente daqueles que tem alguma resistência para ligar a sua câmera de vídeo ou participar da aula realizando os exercícios para todos verem, por medo de serem julgados em público. As *masterclasses* foram gravadas e os voluntários acompanhavam todas as histórias atentamente e também reagiam positivamente.

Com o passar dos primeiros meses, levando em consideração as normas e protocolos estaduais de segurança e saúde, as aulas passaram a ser desenvolvidas de maneira híbrida, duas vezes na semana: uma aula presencial e uma aula online. Esta foi uma decisão de todos os participantes.

Durante os ensaios para uma das apresentações, dois alunos do Curso de Dança da ESAT-UEA se voluntariaram também no projeto, sendo a participação desses realizada nas horas de folga das aulas, em treinos com os demais integrantes, nos quais ambos criaram uma coreografia para o repertório musical da Orquestra de violinos, cuja performance executaram com o grupo no dia do evento. Esse processo culminou com a interação dos dois cursos envolvidos, despertou o interesse dos discentes de outros cursos pela atividade e, ainda, originou discussão no sentido de ampliar a participação de outras expressões artísticas no processo. Essa interação estimulou os alunos da orquestra e o professor a opinarem sobre a possibilidade de empregar novos conhecimentos na preparação de seus concertos, tendo este instigado seus discípulos a pensarem em soluções que pudessem tornar suas performances mais interessantes. A partir disso, o monitor Discente C sugeriu convidar seu vizinho, praticante de *beatbox*, para participar da atividade do grupo, sendo esse encontro viabilizado pelo professor responsável. Constatou-se que muitos dos alunos externos nunca tinham visto, pessoalmente, alguém realizar *beatbox* ou sequer sabiam da existência dessa prática na cidade. A partir das ideias e opiniões dos adeptos do evento e do incentivo do professor, os alunos idealizaram para o evento o acréscimo de instrumentos musicais como o contrabaixo elétrico, a guitarra e a bateria, além de convidados da Orquestra Amazonas Filarmônica.



A Secretaria de Cultura e Economia Criativa - SEC, a direção do Teatro Amazonas e a Central Técnica de Produção Marcos Apollo contribuíram gratuitamente com o espaço e as vestimentas, sendo este um dia muito especial para os alunos, que levaram seus pais e mães para as provas e escolhas de figurinos. Por ser esse material parte do acervo do reconhecido Festival de Ópera do Amazonas sua guarda e zelo ficaram a cargo dos alunos que, mesmo sabendo da incompatibilidade de tais vestimentas com o clima quente da Região, dessas não desistiram.

Destaque-se que essa atividade permitiu aos envolvidos levarem sua produção artística para além dos limites da vida acadêmica, lhes propiciando, não somente exibir suas performances como também conhecer e se aproximar das instituições mais prósperas do Terceiro Setor no Estado do Amazonas, nas quais puderam vislumbrar e se encantar com a grandiosidade dos espetáculos.

Nesta fase, os alunos da Orquestra de Violinos da UEA já estavam bastante entrosados, realizavam festas de aniversário em conjunto, ajudavam uns aos outros e seus pais se conheciam. Em decorrência disso, o professor coordenador procurou escutar qual o estilo de música ou que obra que seus alunos mais apreciavam eles gostaram, e com as opiniões coletadas, criou um repertório próprio para grupo musical, considerando as habilidades condizentes com o desenvolvimento progressivo dos alunos e suas vontades quanto ao que queriam tocar, resultando em uma mistura de estilos como: música celta, rock, jazz, barroco. Um exemplo desse repertório foi a obra *24^o Capricho* de Niccolò Paganini, executada com um arranjo próprio numa versão envolvendo guitarra, baixo e *beatbox* no gênero do rock, incluindo as habilidades que eles estavam praticando no momento: destreza dos dedos da mão esquerda e região de arco.

Musicando

O Projeto de extensão Musicando da ESAT-UEA está ativo desde 2011 e busca contemplar a comunidade de Manaus e do Amazonas com o ensino de música de forma totalmente gratuita. O projeto oferece espaço onde o acadêmico de música pode realizar a sua primeira prática de ensino. Os estudantes de licenciatura (e bacharelado) em música fortalecem seus conhecimentos metodológicos para, após formados, colocarem em prática o



ensino de música em escolas públicas, privadas e demais locais de ensino, ao mesmo tempo que busca preparar instrumentistas para orquestras e bandas profissionais.

A contribuição do Projeto Musicando no desenvolvimento musical no estado do Amazonas é grande, devido sua longevidade do projeto e suas conquistas, a exemplo dos alunos tiveram êxito no Exame de Vestibular da UEA e ingressaram no Curso de graduação em Música da UEA. O sucesso do projeto ao longo destes mais de 10 anos, estabelece-se num relacionamento de fidelidade da universidade com a sociedade, contando numerosos alunos matriculados em violão, violino, viola, violoncelo, contrabaixo, flauta doce, clarinete, teclado, trompa, coral livre e outros.

A necessidade de ter um espaço público e gratuito como o Projeto Musicando dentro da universidade ganha com o propósito latente de fornecer o ensino musical eficiente tanto para a prestação da prova teórica e prática do vestibular de música da UEA, quanto para o fortalecimento e manutenção do elo graduando-sociedade. A proposta musical também proporciona um espaço livre e criativo para que crianças e jovens tenham uma atividade extracurricular no contraturno dos estudos escolares, buscando assim desenvolver-se por diversos caminhos.

As atividades do Projeto Musicando quanto ao ensino do violino ocorrem especificamente aos sábados, para não atrapalhar nas atividades do curso de graduação dos voluntários que ocorre durante a semana. As aulas acontecem de forma coletiva e por vezes individuais, quando necessário para atender alguma necessidade dos alunos. Cada voluntário atende uma turma de no máximo 6 alunos por hora, com carga horária de 2 ou 3 horas por sábado, conforme a disponibilidade dos voluntários.

Os planejamentos pedagógicos do projeto ocorrem mensalmente com reuniões virtuais entre os coordenadores e os voluntários que atuam como professores, nestas reuniões os voluntários trazem suas dificuldades, conquistas e sugestões, a fim de sanar os problemas e dificuldades estruturais e pedagógicas.

Os voluntários: relatos, observações, desafios e soluções

O objeto deste estudo de caso são as vivências dos discentes que participam concomitantemente de ambos projetos, todos graduandos do Curso de Bacharelado em



Música com habilitação em violino: Discente A, Discente B e Discente C. Outros alunos também participaram de diversas formas, mas ficaram de fora desta pesquisa, pois não cumpriam os requisitos de (1) ser aluno de bacharelado em violino e (2) participar de todos as propostas de ambos projetos.

Discente A é aluna do curso de bacharelado em música na modalidade violino (voluntária no LEAM e professora voluntária no Musicando), e segundo seus relatos, foi no segundo semestre de 2019 que sua professora de violino, que coordenava o projeto anteriormente, a convidou para dar aulas no projeto, Discente A previa que um dia esta experiência seria válida e importante para ela. Apoiada pela sua professora de violino Margarita Chtereva (*in memoriam*), Discente A aceitou e recebeu suas primeiras instruções para atender a comunidade, tanto em termos de didática a ser utilizada dentro de sala, quanto em termos de prioridades no ensino do violino. Inicialmente Discente A acompanhou o desenvolvimento de dois alunos individualmente, e um deles entrou na graduação em 2022. Este foi um momento importante para a voluntária.

Após o hiato durante a pandemia, com o retorno das aulas do Musicando, a Discente A percebeu que o projeto havia tomado grandes proporções, sendo insuficiente o número de voluntários para o atendimento a todos que buscavam a universidade, problema este que demandava uma solução. Enquanto não havia um número maior de professores voluntários, para que fosse possível a boa divisão das turmas (1 aluno por horário e por professor, ou mesmo alunos em turmas pequenas, de mesmo nível ou faixa etária), a Discente A recebeu uma turma inicial bem heterogênea: duas das suas alunas estavam na faixa de 12 e 13 anos, sendo que uma nunca tinha tido contato com o violino e a outra era autista e já estava familiarizada com o Método Suzuki, sabendo tocar a primeira peça do Livro 1 desse método.

Discente A conta que como era o seu primeiro contato com aquela nova turma, ela buscou pesquisar sobre o que deveria fazer primeiro, tendo concluído pela inclusão e socialização, passando, então, a criar um vínculo entre ela e as alunas, e das alunas entre si, estabelecendo-se uma estratégia de compartilhamento de conhecimentos musicais, ajuda e apoio recíprocos entre os envolvidos. Em termos de aspectos técnicos, Discente A relata que começou com o ensino e a correção da postura, de como se segurar o violino e o arco,



seguindo o material didático do projeto organizado pela subcoordenação, mais adiante, desenvolveu da percepção rítmica, se utilizando de palavras e métricas conhecidas para facilitar e adaptar o solfejo, para depois praticar o ritmo no violino somente com a corda solta, desenvolvendo a habilidade da mão direita primeiro, e mais tarde, ela investiu tempo nos aspectos da mão esquerda. Discente A mostra que compreendeu que o trabalho deveria ser feito por camadas.

Passado um mês, sua turma recebeu mais dois alunos: uma aluna de 10 anos e um aluno de 6 anos, impactando, sobremaneira, na estratégia da Discente A, “um choque” como ela mesma conta, pois sentiu a necessidade urgente de reorganizar sua turma, sua carga horária ou se readaptar. Optou pela readaptação e conseguiu realizar a integração da aluna de 10 anos com certa facilidade, pois considerando sua anterior experiência com a turma inicial, adotou a mesma estratégia: a de incentivar o apoio das alunas (que já estavam mais adiantadas) para ajudarem na explicação e correção da aluna (de 10 anos de idade) de maneira que esta compreendesse tudo sem muitas dificuldades, tendo essa aluna se adaptado bem ao processo. A Discente A percebeu que precisava de mais instrução e estratégias, para lidar com o aluno de 6 anos, entendendo que sua aula precisava ser mais elaborada, pois nunca tinha tido alunos abaixo de 10 anos e, nesse ponto, se percebeu desprovida de como agir e/ou do que seria necessário para ensiná-lo.

Observando a diferença do nível de atenção e “energia” do aluno de 4 anos, a Discente A tentou utilizar a mesma técnica de fazer um parceiro de prática com a aluna com a idade mais parecida, mas não funcionou. Ela conta um exemplo de situação na primeira aula em que o aluno de 4 anos tinha conhecimento da trilha sonora de um desenho que todos na sala sabiam, sendo este um bom momento para compartilhamento mútuo, porém, o aluno de 4 anos só queria escutar aquela música, enquanto as outras alunas desejavam prosseguir com a aula. Diante desse impasse, a Discente A, sem muita noção do que fazer, tentou conversar com o aluno, mas não obteve muito sucesso.

A experiência de lecionar em uma turma tão heterogênea apresentou-se, de início, como um grande desafio para Discente A, mas esta afirmou que, no decorrer do tempo, isso se tornou mais fácil, principalmente após o envolvimento dos pais. A Discente A percebeu que envolver a família e a comunidade era um fator importante no processo de



aprendizagem de uma turma e, ao longo do tempo, essa interação se intensificou, sendo imprescindível para que família e comunidade se sintam incluídos e os alunos, melhor assistidos. A Discente A informou que continua buscando resoluções para seus desafios em sala de aula, valendo-se das orientações e de suas observações, a fim de aprimorar o seu modo de conexão com alunos mais novos.

Apesar de não termos relatos do Discente B, o segundo voluntário a ser observado, pudemos apontar que ele fez a sugestão à subcoordenação objetivando realizar a divisão das turmas da Orquestra Júnior, pois assim como a Discente A, ele sentia que a turma era heterogeneia demais, apontando a existência de alguns alunos que precisavam de muito reforço para adquirir fluência da prática de leitura de partitura, enquanto outros já liam partitura muito bem. Neste caso a demanda pode ser atendida, estando sua turma, hoje, bem distribuída em termos de nível e idade. Desta forma, com alunos mais avançados, Discente B pôde aplicar aspectos de distribuição de arco, articulação de arco e, coincidentemente, utilizar, com frequência, os mesmo termos e palavras-chaves que seu professor do LEAM, além da prática de tocar com os alunos das apresentações.

Embora não haja relatos do Discente C (terceiro voluntário a ser observado), foi observado uma prática muito similar à ao professor do LEAM. O Discente C busca conduzir os alunos do Musicando contando histórias lúdicas e engraçadas, porém utilizando um vocabulário mais moderno e regional e, até mesmo, usando termos inventados, tanto para cativar os alunos quanto para descrever um procedimento ou aspecto técnico do violino. Dentre as estratégias do Discente C, destacamos o episódio em que ele utiliza sua expertise no violão na sala de aula (encantando os alunos) e a frequente adoção das sugestões de seus alunos para que a aula ou o ensaio seja colaborativo. O Discente C é o voluntário que mais absorveu das observações e que mais se parece com seu professor, em termos de didática, prioridades de ensino, além de manias pessoais e gestual.

Considerações Finais

Notórios são os efeitos que um projeto incide no outro através de seus voluntários, e, mesmo que esta pesquisa esteja em andamento, observamos algumas similaridades que apontam direções para os efeitos de transferências pedagógicas imediatas, ou seja quando



se ensina aquilo que acabou de se observar. Os voluntários bacharelados objetos desta pesquisa, não cursaram didática ou pedagogia da música e não terão a oportunidade de realizar os estágios supervisionados, disciplinas estas componentes do currículo da licenciatura, sendo, então, a prática da extensão universitária envolvendo o ensino da música de suma importância para que o aluno tenha tido alguma experiência acompanhada antes do ingresso no mercado de trabalho.

Os resultados, para além dos critérios técnicos do instrumento específico, apontam para os aspectos da flexibilidade metodológica e resolução criativa de situações inesperadas. Nesse processo, observou-se uma valoração da empatia que o professor deve ter com seus alunos, assim como a apreciação dos voluntários em relação à socialização, inclusão e acolhimento à família na criação de vínculo entre as partes envolvidas, antes do critério técnico.

Esta pesquisa contribui para o campo da educação musical, bem como para as práticas extensionistas, ao passo que analisa simbiose de projetos de extensão, o seu impacto na formação de professores e o desenvolvimento de habilidades pedagógicas dos alunos de graduação, ainda que tenham optado pelo bacharelado.

Referências

ARAÚJO, Rosane Cardoso de Araújo. Formação docente do professor de música: reflexividade, competências e saberes. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 6, n.2, p. 141-152, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/musica/article/view/1586>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: Rumo à sociedade aprendente*. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

SÍVERES, Luiz. A extensão como um princípio de aprendizagem. *Revista Diálogos*, Brasília, v.10, 2008. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rdl/article/view/1946>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

JOUK, Igor. Live do Dia dos Pais. *Apresentação do Grupo dos Alunos do Laboratório de Ensino e Aprendizagem Musical*. Performance em Vídeo de 24 minutos e 30 segundos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i4iGQUROz1A>>. Acesso em 10 de agosto



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical



JOUK, Igor. SOARES, Bárbara. Concerto Os 24 Violinos do Rei. *24 violinos do Rei* 21 10 2021. Performance em Vídeo de 19 minutos e 32 segundos. Disponível em: <<https://youtu.be/ow0Hva8KJDM>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PIETROVSKI, Eliane Fernandes et al. A prática extensionista em uma universidade pública federal. *Revista Extensio*, Florianópolis, v. 15, n.29, p. 2-19, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2018v15n29p2/37178>>. Acesso em: 10 ago. 2022

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.